

REFLEXÕES SOBRE O CUIDADO, A MATERNIDADE E AS TECNOLOGIAS NO CONTEXTO CTS

REFLECTIONS ABOUT CARE, MATERNITY AND TECHNOLOGIES IN THE STS CONTEXT

REFLEXIONES SOBRE EL CUIDADO, LA MATERNIDAD Y LAS TECNOLOGÍAS EN EL
CONTEXTO CTS

Aline Alvares Machado

Doutoranda em Tecnologia e Sociedade, Docente da Rede Municipal da Educação de Curitiba - PR
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3564-2786>
E-mail: alinemachado@alunos.utfpr.edu.br

Claudia Bordin Rodrigues da Silva

Doutora em Tecnologia e Sociedade, Docente Ensino Superior Universidade Tecnológica Federal do
Paraná - CT / DADIN
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2598-3918>
E-mail: cbsilva@utfpr.edu.br

Marília Abrahão Amaral

Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Tecnológica Federal do Paraná -
CT/PPGTE/DAINF
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9327-223X>
E-mail: mariliaa@utfpr.edu.br

Pricila Castelini

Doutora em Tecnologia e Sociedade
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1399-9082>
E-mail: pricastelini@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta as reflexões das 4 autoras, que são docentes no contexto da Educação, Ciência e Tecnologia (CTS), sobre os reflexos da pandemia da COVID19 no campo da docência. Consideramos que, em tempos de pandemia, as esferas pessoal e profissional foram atravessadas por medos, crises, angústias e, entre esses abismos, o maior sentido do termo esperar nos impulsionou a tentar sobreviver em meio a incertezas. Sendo a percepção da mulher associada ao cuidado entendida como uma questão cultural, social e histórica, por meio da metodologia da cartografia, buscou-se tensionar os limites do clássico discurso da jornada dupla/tripla e da dicotomia entre trabalho doméstico e trabalho produtivo e apresentar pontos que se destacaram, na visão das autoras, em relação a sobrecarga da mulher. Conclui-se o relato ressaltando a necessidade de ultrapassar o senso comum do acesso “universalizado” às tecnologias, e mais ainda, de que esse acesso, quando existente, influência de forma necessariamente positiva na vida das pessoas. Também se destaca que a pandemia proporcionou reflexões associadas às novas demandas de ensino e aprendizagem à distância, remetendo à uma prática acompanhada de humanismo e amorosidade.

Palavras-chave: ciência, tecnologia e sociedade; mulheres e docência.

ABSTRACT

This paper presents the 4 teachers in Education, Science and Technology (ETS) reflections about COVID19 pandemic in the field of teaching. We consider that in pandemic times the personal and professional spheres were crossed by fears, crises, anguishes and among these abysses the greater meaning of the term hope pushed us to try to survive amidst uncertainties. Since the perception of women associated with care is understood as a cultural, social and historical issue by means of the cartography methodology we tense the limits of the classic discourse of the double/triple work day

and the dichotomy between domestic work and productive work to present points that stood out in the authors' view regarding the overburdening of women. The report concludes by emphasizing the need to overcome the common sense of "universalized" access to technologies and even more that this access when it exists necessarily influences people's lives in a positive way. It is also emphasized that the pandemic provided reflections associated with the new demands of teaching and distance learning, referring to a practice accompanied by human and amorosity.

Keywords: science, technology and society; women and teaching.

RESUMEN

Este artículo presenta las reflexiones de los 4 autores, que son profesores en el contexto de la Educación, la Ciencia y la Tecnología (ETS), sobre las reflexiones de la pandemia de COVID19 en el ámbito de la enseñanza. Consideramos que en tiempos de pandemia, las esferas personal y profesional se vieron atravesadas por miedos, crisis, angustias y, entre estos abismos, el mayor significado del término esperanza nos empujó a intentar sobrevivir en medio de las incertidumbres. Como la percepción de las mujeres asociada al cuidado se entiende como una cuestión cultural, social e histórica, se utilizó la metodología de la cartografía para intentar superar los límites del discurso clásico de la doble/triple jornada laboral y la dicotomía entre el trabajo doméstico y el productivo, y presentar los puntos que se destacaban a juicio de las autoras sobre la sobrecarga de las mujeres. El informe concluye haciendo hincapié en la necesidad de superar el sentido común del acceso "universalizado" a las tecnologías, y más aún, que este acceso, cuando existe, influye de forma necesariamente positiva en la vida de las personas. También destaca que la pandemia aportó reflexiones asociadas a las nuevas exigencias de la enseñanza y la educación a distancia, refiriéndose a una práctica acompañada de humanismo y cuidado amoroso.

Palabras clave: ciencia, tecnología e sociedad; mujeres e enseñanza.

INTRODUÇÃO

Começamos essa narrativa com a frase de Paulo Freire (1992) de que

é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança é espera. Esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.

O contexto da pandemia da COVID19 nos impactou em todas as esferas seja pessoais, profissionais, medos, crises, angústias e entre esses abismos o maior sentido do termo esperançar nos impulsionou a tentar sobreviver em meio a incertezas.

Freire (1992) indica que esperançar é se movimentar e neste período por muitos momentos, o movimento foi acompanhado de mudanças no transitar, da sala, do quarto, do olhar pela janela os limites nos fizeram movimentar pela tela do computador ou do celular. A reação inicial para muitas pessoas é uma sensação de impotência, inexperiência, pois apesar de utilizarmos artefatos como meios para o trabalho e lazer este foi o único durante muito tempo. As descobertas, exploração do novo, as dificuldades acompanharam e ainda acompanham o contexto da educação.

A discussão sobre tecnologias não é novidade, pretende-se utilizar o termo no plural devido à pluralidade de formas e meios de interagir com artefatos. Tecnologias para autores e autoras do campo de estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) pode ser entendida como a extensão humana para se comunicar, interagir, ser, estar, fazer e querer em sociedade.

C&T, para Donna J. Haraway (1994; 1995; 2016), é compreendida como indissociável. A autora utiliza o termo “tecnociência” para se referir a esse como um campo, que em aproximação foi (e ainda é) construído a partir de valores heteronormativos. Quando passamos pela esfera do ser mulher há intersecções que a perpassam, seja em relação a raça e etnia, classe social, gênero também pode-se acrescentar deficiências e maternidade, este último como uma característica atrelada à figura da mulher.

Sobre a figura da mulher associada à maternidade, Marília P. Carvalho (1999) discorreu sobre essa representação ser o imaginário que regula as práticas docentes. A autora discute sobre as séries iniciais de ensino e aprendizagem, entretanto, a percepção de que à mulher foi associado o cuidado seja em esfera da casa, quanto da maternidade são questões culturais, sociais e históricas. Por gerar, à mulher foi imposta a responsabilidade de ser a principal cuidadora da criança. Mary Del Priore (2004) em seu livro intitulado *A história das mulheres no Brasil* discorre sobre as intrincadas relações entre mulher, cultura e dificuldades durante as épocas.

Carvalho (1999) levantou aspectos que considerou como uma “cultura escolar” em que incorpora às mulheres a socialização e familiarização, para as crianças se sentirem confortáveis com a representação na figura materna na pessoa que está na função de professora, ou até, vista no imaginário, como substituta da mãe. Esse debate é amplo e essa autora critica a naturalização e busca entender historicamente os aspectos que conduziram a essa legitimação da profissão docente.

As discussões teóricas que existem com os movimentos feministas a partir das conquistas sobre direito ao voto, debatem sobre a possibilidade das mulheres terem a profissão de preceptoras como forma de sair do espaço da casa e desenvolverem independência e liberdade sobre seus corpos segundo Betty Friedan (1971).

Sobre os movimentos dos feminismos, bell hooks¹ (2013; 2020) levantou a questão de ser iniciado *por* mulheres brancas, *para* direitos de mulheres brancas. Portanto, ao falar dos movimentos feministas e dos direitos é importante considerar que existem privilégios. Neste sentido, utilizaremos o termo feminismos, tendo em vista que dialogamos com diferentes abordagens feministas e diferentes vieses para debater sobre maternidade, cuidado e tecnologias sob a ótica dos estudos em CTS.

Nessa perspectiva de estudos em CTS a apropriação é pela ótica de Haraway (1995) e hooks (2013). Haraway, feminista branca da tecnociência que desenvolveu algumas discussões com base na biologia. hooks, feminista negra que elaborou um debate sobre educação para a autonomia e que os processos de ensino e aprendizagem sejam coconstruídos na relação entre docentes e discentes.

Historicamente, a sobrecarga das mulheres não foi exceção às condições de trabalho, cuidado e vida durante a pandemia da COVID19. Entretanto, evidenciar os aspectos que as tecnologias de comunicação e informação estiveram (ou não) a favor da diminuição das desigualdades impostas parece ser uma reflexão necessária aos contextos do campo de estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade, a partir de um olhar das contradições entre as vantagens e desvantagens que os meios digitais puderam trazer pro cenário em recorte da maternidade e da vida doméstica de mulheres pesquisadoras, docentes e discentes da pós-graduação da universidade pública federal, na cidade de Curitiba.

A partir das vivências da diversidade, este texto busca articular as reflexões sobre maternidade, cuidados, feminismos, tecnologias no meio acadêmico e participação das mulheres no contexto da pandemia, sob o olhar de quatro pesquisadoras e docentes das áreas de tecnologia, cultura e sociedade. Nossa crítica reside, sobretudo, nos aspectos de crítica à neutralidade e determinismo da Ciência e Tecnologia (C&T), em diálogo e em negociação com as esferas do trabalho, da academia e da vida doméstica.

¹ O nome da autora bell hooks será utilizado durante o texto escrito em letras minúsculas, pois se trata do pseudônimo da autora e professora Gloria Jean Watkins (KIDWAI, Samien. *The use of language in bell hooks' book 'feminism is for everybody: passionate politics'*. International Journal of Advanced Research in Management and Social Sciences. Vol 4. Nº 11. Novembro 2015. Disponível em: <https://garph.co.uk/IJARMSS/Nov2015/21.pdf> Acesso em: 30 mai 2022.

METODOLOGIA

Em um período de primazia da racionalidade em detrimento das percepções, faz-se necessário recorrer a métodos que consigam captar as diferentes nuances e percepções acerca das influências da pandemia da COVID-19 sobre as já assimétricas relações entre mulheres, mães, cuidado e trabalho. Dessa forma, deixando de lado métodos de pesquisa tradicionais e dualistas, optamos pela metodologia da cartografia (ROMAGNOLI, 2009) como forma de registrar esse território por onde transitam as mulheres atualmente. Ao se colocarem na pesquisa e se perceberem nela, as pesquisadoras buscam registrar mais do que respostas-produtos, sendo os processos de busca de respostas a “paisagem” que necessita ser registrada.

A pergunta que direciona a construção desse artigo é: **as trajetórias de mulheres e mães professoras e pesquisadoras foram de alguma forma determinadas pela presença das TIC, seja no trabalho, seja na vida pessoal?**

Ao cruzarem as suas perspectivas e horizontes, as pesquisadoras trazem, em suas leituras e relatos, partes de seus percursos como mulheres, mães, pesquisadoras e professoras do campo CTS, transitando no território incerto instalado pós-março de 2020. Essas trajetórias, relatadas em parte neste trabalho, são como linhas que se cruzam, se aproximam e seguem, percorrendo e delimitando os espaços do ser mulher em relação às TIC em um mundo pandêmico.

Dessa forma, os relatos buscam tensionar os limites do clássico discurso da jornada dupla/tripla e da dicotomia entre trabalho doméstico e trabalho produtivo. Também serão apresentados pontos que se destacaram, na visão das autoras, em relação a sobrecarga da mulher, que estende-se para além do momento da pandemia da COVID19 e também além da quantidade de trabalho, incorporando também o envolvimento emocional e psíquico demandado pelo papel de mulher e mãe.

O trabalho que só é visto se não está feito

Quando eu era apenas filha, ouvi muitas vezes: não faça como eu, que tive filhos e parei de trabalhar fora, pois em casa continuamos trabalhando, e muito, mas esse trabalho só é visto se não está feito.

Enquanto minhas filhas comem o jantar e este texto está sendo produzido, lembro que ainda ocupo um lugar de privilégios que merecem ser pensados. Muitas vezes, as lutas sociais invisibilizam outros interesses, promovendo, no caso das

relações entre mulheres e o mundo do trabalho remunerado, o “direito” a trabalhar mais e ser mais explorada (FEDERICI, 2019, p. 65).

Assim como a rotina acadêmica, meu “trabalho formal” - professora da Educação Básica - foi mantido durante a pandemia, com o peso das tecnologias digitais e com a força da presença que elas demandam: aulas online, pilhas intermináveis de atividades para elaborar e corrigir, burocracias sem sentido, grupos com mensagens chegando a qualquer hora do dia e da noite, sempre urgentes. Um ano (ou mais) cancelado, mas todos os prazos mantidos.

Tecnologias, leis e políticas públicas viabilizaram a manutenção da qualidade de vida da minha família: todos e todas seguros e seguras, em uma casa confortável, aulas mantidas para mãe e filhas, empregos mantidos. Porém, o outro trabalho, “aquele que ninguém vê quando está feito” e que, por isso, não merece ser mensurado em termos financeiros - afinal, “amor é dado de graça” (ANDRADE, 2015, p. 26), não é? - multiplicou: todos e todas em casa implica no aumento do trabalho que é “inerente” à mulher. Os horários que só ela lembra, a rotina que, em nome da saúde, precisa ser mantida razoavelmente; o cardápio, que precisa de mais atenção já que, agora, todos e todas comem em casa todas as suas refeições, todos os dias; e inúmeros outros pequenos detalhes que passam facilmente despercebidos até mesmo por quem os executa.

Do meu lugar de privilégios, mulher cis, hetero, classe média, casada com um companheiro que busca não seguir a cartilha patriarcal da paternidade, pude sentir o peso da pandemia. Consciente dessa posição, ainda consigo ver todas as implicações do contexto pós-março de 2020 para outras pessoas ao redor. Do meu incômodo privilégio, posso ver de muito perto adolescentes (estudantes da escola onde trabalho) e colegas de trabalho em situações ainda mais difíceis: meninas estudantes que engravidaram e, para além das implicações na vida pessoal, tiveram dramáticos afastamentos da vida escolar, agravado pela interrupção das aulas presenciais; crianças muito jovens com perdas familiares significativas e consequente abandono material - quem irá sustentar essa menina, agora? Podemos protegê-la de alguma forma? E também colegas, professoras, que além das perdas de entes queridos também enfrentaram dolorosas situações familiares, divórcios conturbados e toda a insegurança gerada por esse tipo de situação, potencializada pela necessidade de isolamento social. A proximidade com essas pessoas, entrecortada com as minhas

leituras, também desperta minha consciência. Pode o uso das tecnologias ter atenuado, de alguma forma, esses sofrimentos? O que pode ser feito a esse respeito, de dentro da Academia, de dentro das Casas do Povo, de dentro da minha própria casa?

Agora, enquanto faço companhia no quarto de dormir das crianças até que elas durmam, continuo lendo no meu celular, a despeito das recomendações da oftalmologista - diagnóstico dos últimos exames revelou que o desgaste da retina, causado pelo uso prolongado de telas pequenas, vai provocar impactos importantes na minha visão. Encontro que, muitas vezes, reprimimos as emoções como tática de sobrevivência e limitamos a nossa demonstração de amor aos atos de servir: alimentar; dar conforto material; produzir materiais, conhecimento. Por outro lado, também encontro que a prática de se amar leva a uma compreensão maior de si mesma, ao mesmo tempo em que ajuda a entender melhor as necessidades de outras pessoas, as quais não se limitam a se alimentar, dormir bem, estudar, morar (hooks, 2020). Assim vou construindo novos entendimentos, onde o amor, em lugar de fatalidade, é uma escolha racional, um caminho construído nas ações do dia a dia e que só assume sentido na ação e na socialização. Amor é prática, tanto quanto o cuidar. Auto-amor e auto-cuidado, tão distantes da realidade para muitas de nós, também.

Sou logo atravessada pela lembrança de outras leituras, de como é necessário alimentar a esperança de que as desigualdades possam ser corrigidas ou pelo menos amenizadas (FREIRE, 1992). Para esperar para além das letras, então, fecho as leituras abertas nesta tela pequena e fecho esse relato junto. O amor, como a esperança, se faz uma necessidade.

Pandemia revela ainda mais disparidades

Hoje, não faz mais sentido pensar o processo educacional sem o uso de tecnologias, da mesma forma que não faz sentido pensar em universidade sem escrita (BLIKSTEIN; BARBOSA E SILVA; CAMPOS; MACEDO, 2021). A pandemia da COVID-19 acelerou processos que já estavam acontecendo, entretanto, em uma condição lenta. Dizer que é possível pensar em educação sem tecnologias na contemporaneidade é ingênuo. Utilizar o termo tecnologias no plural é para realçar

a diversidade de meios que são utilizados pela sociedade para lazer, trabalho e estudo.

Um relatório produzido em conjunto com a D3E, Todos pela Educação e o laboratório *Transformative Learning Technologies Lab* em 2021 intitulado *Tecnologias para uma educação com equidade: novo horizonte para o Brasil* apresentaram a urgência de pensar e propor um plano estratégico por meio de novas políticas públicas que contribuam para fortalecer as tecnologias na educação.

Essa necessidade de políticas públicas e de um plano estratégico já vem sendo debatida por estudiosos e estudiosas da área de educação e tecnologias, entretanto, neste relatório os autores e a autora criam meios de como e qual o caminho para a presença da tecnologia na sociedade.

Se a pandemia da COVID-19 acelerou os usos das tecnologias no dia a dia, o que isso revelou em termos de fragilidades? Um contexto pandêmico não é a melhor forma de analisar as fragilidades, pois além do risco de saúde pública envolve outros fatores como saúde emocional, financeira, física entre outras, atrelado ao vírus e também às mudanças no cotidiano das pessoas.

Da janela de casa, acompanhei apenas a minha família que morava próximo, aqui falo de uma família com emprego, com casa para morar e comida na mesa, em que vivenciaram angústias e problemas psicológicos. Da janela virtual, a realidade foi apavorante, empregos sendo perdidos, jornada de trabalho triplicada e o aumento do número de violências domésticas².

Todo esse trabalho que passou em alguns casos do presencial para o virtual ressaltou, em particular no contexto da educação, o debate sobre as vantagens de um ensino híbrido ou totalmente virtual. Acompanhando da janela de casa, cunhada e irmão que atuam na educação e minha experiência como professora da rede básica pública é perceptível que o acesso às tecnologias é desigual. Havia lares com 1 celular para 3 ou mais crianças com níveis diferentes de ensino estudarem. Aqui a conta não fecha, portanto, pensar em políticas para equidade na educação também envolve refletir sobre as condições iguais para acesso.

² O Instituto Norberto Bobbio e Politize lançaram a série *Dados pandêmicos* em que exploravam as fissuras da sociedade brasileira a partir da pandemia da Covid 19. Para acessar ao texto completo: <https://www.politize.com.br/violencia-domestica-pandemia/> Acesso em: 02 jun 2022.

Além das condições iguais para acesso, os autores do relatório indicam rever a “infraestrutura, o ensino e a criação/experimentação” (BLIKSTEIN; BARBOSA E SILVA; CAMPOS; MACEDO, 2022, p. 4) ou seja, não é apenas ter o produto/artefato que é a solução para uma educação com equidade, é preciso discutir a formação e o desenvolvimento de políticas públicas por meio de estratégias. Utilizar-se de tecnologias, segundo esses autores e a autora do relatório, também envolve pensar em segurança de acesso e uso, pois os dados são sensíveis e na educação o público são crianças, jovens e adolescentes.

Uma educação multidisciplinar também é a indicação desses autores e da autora, tendo em vista que se apropriar de tecnologias na educação envolvem vários campos do saber e, portanto, uma aprendizagem diversa precisa dialogar com pessoas e espaços multidisciplinares. O programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) em que fiz minha formação de mestrado e doutorado tem o suporte teórico e prático de pesquisa interdisciplinar, que qualifica profissionais para pensar em tecnologias que façam sentido para a sociedade e sejam meios também para a inclusão digital, social e cultural, entretanto, são poucos programas que atuam nesse viés e a educação no Brasil em si é disciplinar e estruturante.

Finalizo este breve relato sobre a pandemia e as tecnologias na educação, refletindo sobre a urgência de estratégias para acesso pleno de tecnologias na educação e, ainda, ressalto a importância de pensar no entrecruzar deste debate que envolve se preocupar com grupos excluídos e, sobretudo, em relação a raça e etnia, classe social e gênero, pois pensar em tecnologias na sociedade é pensar que são mediadas por pessoas e, portanto, envolta em sua cultura e história.

A amorosidade em tempos de “docência pandêmica virtual”

Neste período pandêmico e conturbado, minhas experiências como uma docente do ensino superior, mostraram que a afetividade, que incentiva a autonomia e a busca pelo saber do corpo discente, foi uma forma de propiciar um ambiente, mesmo que virtual, minimamente agradável para o ensino, a pesquisa e a extensão. De acordo com Freire (1987) a educação tem em sua base a amorosidade, o diálogo, considerando que nós, seres humanos, somos inacabados e desta forma temos

possibilidade de aprender. Neste sentido o “fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (FREIRE, 1987, p.80).

Mas como foi estabelecer esse diálogo, essa amorosidade, na educação, em tempos virtuais e pandêmicos? As diversas perdas que tivemos, a distância física das pessoas, a certa dificuldade para adaptação frente às novas tecnologias (que entraram em nossas vidas sem convite), podem ter feito com que o diálogo e a amorosidade tenham se perdido.

Como mencionado por Boaventura de Souza Santos (2020), “... a pandemia não é cega, e tem alvos privilegiados...”. É fato que as diferenças, sociais, econômicas, de gênero, étnicas, raciais, geracionais e tantas outras foram acentuadas com a pandemia e apenas a amorosidade não foi capaz de ultrapassar essas barreiras.

No campo acadêmico foi necessário buscar políticas públicas e institucionais para que o acesso e a permanência do corpo discente fossem mantidos. Foi necessário criar ambientes de aconchego, mesmo que virtuais, para dialogar e compreender as discrepâncias entre os lares, os arranjos familiares, as situações sócio-econômicas, e por que não, os ambientes tecnológicos.

Vivenciamos a não neutralidade da tecnologia, seja no ambiente educacional, profissional ou pessoal com a invasão do trabalho no lar e também do lar no ambiente de trabalho. Em diversas famílias as tarefas das mulheres se multiplicaram e, no contexto acadêmico, se cruzaram com os mundos pessoal e o do trabalho. Foram tempos difíceis, em que as tecnologias nos afastaram, por nos mostrarem as diferenças no âmbito financeiro (plataformas e dispositivos com mais ou menos recursos), no uso e nas apropriações, mas também nos uniram, por permitir contato com as pessoas no momento do isolamento e distanciamento social.

No auge do distanciamento físico, as atividades virtuais (aulas, reuniões, eventos) proporcionaram encontros, diálogos e por que não, acolhimento. Aqui, entendo que a amorosidade fez a diferença para manter acesa a “... crença de que o aprendizado, em sua forma mais poderosa, tem de fato um potencial libertador” (hooks, 2013). Aqui, vejo que tivemos, quando possível, momentos de proximidade que nos levaram a continuar nesta jornada pandêmica. Aqui, deste lugar, percebi que, primando pelo diálogo e pela amorosidade, conseguimos refletir sobre como “... a

educação tem a ver com a prática da liberdade.” (hooks, 2013). Aqui, deste lugar virtual, foi necessário entender que a pandemia veio para nos ensinar a transgredir.

“Ser mais” e os papéis docentes em meio a uma educação que busca novas práticas

O convite de refletir sobre as situações de nosso cotidiano de quarentena e tensões políticas, em meio a produção deste artigo, foram inquietantes, ora para revisar a teoria sob à luz de uma nova concretude, ora para reforçar o entendimento da importância da educação crítica em tempos como esse.

Como processo, também se evidenciaram as potências e impotências de uma tecnologia de informação e comunicação que se apresenta, ora como apoio, ora como opressão, em meio a uma expansão exponencial de seus alcances na sociedade - os meus, da maternidade, do ser mulher, de ser professora. Tivemos inúmeras demonstrações da onipresença e potência das redes para produzir essas concretudes e tantas impotências, que não permitem superar as desumanizações.

Essa reflexão precede e acompanha fatos históricos importantes para pensarmos uma educação mais humana nos nossos tempos: as manifestações raciais iniciadas nos Estados Unidos e sequenciadas no Brasil nos meses de Maio e Junho de 2020, as pressões neoliberais, as idas e vindas da quarentena, o alargamento das diferenças sociais e econômicas produzidas pelas novas necessidades de um mercado local e global, as crises do poder político e jurídico evidenciada na descrença do povo em saídas democráticas. O que tudo isso tem a ver com tecnologia, ciência, educação?

Se entendemos, a partir do pensamento do filósofo e educador Álvaro Vieira Pinto, de que a educação democrática só faz sentido em uma sociedade que deseja diminuir as desigualdades sociais, precisamos insistir na pergunta: é essa a sociedade que desejamos? Se os acontecimentos recentes deslocaram o seu e o meu modo de pensar disciplinarmente nossa profissão (e nossas vidas cotidianas, a partir da profissionalidade), nossas práticas de projeto, nossas perspectivas sobre como será o futuro em projeto (e o futuro do seu trabalho), e claro, nossa visão como mulheres e mães no contexto do ensino superior, de certo você tem a mesma sensação: das

incertezas da ação profissional e política, entendendo que essas refletem e são refletidas nas nossas práticas cotidianas de sala de aula e impactam nossas vidas.

E por certo, produzem as realidades materiais – de aplicativos a sistemas bancários, de redes sociais a modos de comportamento social, de relações técnicas a cultura e a sociedade, até as perspectivas de nossas maternidades e práticas de cuidado.

É preciso pensar a partir de uma prática - de vida, de profissão, de caminhos - que contenham as possibilidades para as respostas às situações novas ou incertas, como nos propõe Pimenta (1999), a partir de currículos e formações que propiciem a capacidade de refletir sobre as possibilidades que temos neste cenário, durante todo o trajeto e percurso.

Para transformar as práticas, entretanto, é preciso também superar o discurso e *“os limites a partir de teorias que permitam aos docentes entenderem as restrições impostas pela prática institucional e histórico-social da educação”* (Giroux, 1983). Como aponta na análise crítica do educador Henry Giroux, professores são intelectuais críticos, cuja *“reflexão é coletiva no sentido de incorporar a análise dos contextos escolares no contexto mais amplo e colocar clara direção de sentido à reflexão: um compromisso emancipatório de transformação das desigualdades sociais”*.

É nesse sentido que as conexões com a educação transformadora de Paulo Freire se inter-relacionam, a partir das concepções de uma educação que vá além do caráter transitório e contingente do cotidiano, e de uma prática que se misture à vida coletiva e individual dos educadores e educadoras.

Os desafios hoje são muitos, e no contexto da educação formal superior, da qual fazemos parte, podemos ver o problema a partir do enfoque, como nos aponta a educadora Pimenta (1999), quanto à localização da educação em uma sociedade de informação e do conhecimento, que na perspectiva neoliberal, *“se resolve”* sozinha a partir dos meios e das mediações que se produzem no campo educacional. Uma falácia sem tamanho, a partir de tantas outras produzidas na educação digital e mediada.

Na urgência de uma mudança em posturas, entendimentos e por certo, em ações e políticas que permitam modelos coerentes ao tempo-espaço que os esforços de reflexão aos educadores e educadoras com quem aqui gostaria de dialogar podem, sim, renovar – ou fazer brotar a *“criatividade insurgente”*, da qual nos fala o

educador Carlos Rodrigues Brandão, acreditando nas pessoas e em seu potencial de ir além e de “Ser Mais”.

Ser mais. Expressão e sentidos elaborados pelo educador Paulo Freire, o “ser mais” se fundamenta a partir de uma ética universal humana, histórica, potente, do humano capaz de se produzir e de produzir o mundo, na esperança, convicção, desejo que a mudança é possível. É um chamado, uma convocação – ou seria melhor, como toda proposta que evoca a liberdade como tom, um belíssimo convite – apoiando-se na liberdade e na escolha atenta como parte da responsabilidade assumida contra desigualdades e assimetrias.

Ser Mais implica um processo constante e contínuo, não é realidade dada como nos propõe Freire. Implica o desconforto e uma certa ansiedade dos novos encontros - esses de uma nova maternidade e da vida profissional - seja neste tempo pandêmico ou naqueles que insistem em chegar. Sob um olhar humanista, consciente e ativo de transformação e produção da materialidade, precisamos pensar em qual educação estamos dispostas em Ser Mais - como mães, filhas e mulheres produtoras dessas realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fechamento dos estabelecimentos de ensino em virtude da pandemia da COVID19 veio, junto de outros fatores associados, tensionar limites impostos no campo da Educação. De forma particularmente intensa no âmbito privado, a pandemia também se somou à sobrecarga das mulheres (não só) no campo da Educação, sobretudo as mulheres mães - professoras, estudantes, pesquisadoras.

O que a pandemia da COVID19 evidenciou é que a Educação presencial tem diversos desafios, mas o cenário virtual intensificou o desestímulo, as dificuldades, a falta de convivência com as pessoas, entre outros fatores como a importância de estabelecer vínculos. Agora, em 2022 quais as lacunas que podem ser observadas com esse período?

Uma delas é que a educação precisa ser democrática e o acesso igual para todos e todas. Portanto, o período virtual não propiciou acesso igualitário e isso impediu as oportunidades de aprendizagem significativas. Dessa forma, as autoras destacam a necessidade de manter aberto o debate sobre a Educação com grupos

excluídos ao longo da história em virtude de raça, etnia, classe social e gênero, sobretudo, no contexto deste trabalho, das mulheres docentes.

Verificou-se, ainda, a necessidade de ultrapassar o senso comum do acesso “universalizado” às tecnologias, e mais ainda, de que esse acesso, quando existente, influencia de forma necessariamente positiva na vida das pessoas. Compreender que diferentes pessoas vivenciaram esse período da pandemia da COVID19 de formas diferentes, portanto, indica um caminho de humanização no acesso às TIC, instiga uma ação docente crítica e pode se refletir na docência de forma positiva.

Há também uma mudança na docência, pois com esse período as novas demandas propiciaram a reflexão sobre a prática acompanhada de humanismo, amorosidade e outros processos que mudaram com a aprendizagem a distância.

Por fim, ressalta-se que ao discutir e refletir sobre as tecnologias na sociedade exige pensar em pessoas e, portanto, em suas culturas e histórias. Produzir consciências sobre essas realidades - as nossas como mães e seus filhos e filhas em casa, durante as aulas, de nossas casas e nosso cotidiano, de certo produz também sensibilidades e modos de ampliar o discurso de uma educação para a liberdade, para a produção da consciência e de pessoas atentas as realidades dispare.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 26.

BLIKSTEIN, Paulo; BARBOSA E SILVA, Rodrigo; CAMPOS, Fabio; MACEDO, Livia. **Tecnologias para uma educação com equidade**: novo horizonte para o Brasil. D3E Relatório de Política Educacional. 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/04/Relatorio-Tecnologias-para-uma-Educacao-com-equidade.pdf> Acesso em 02 jun 2022.

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula**: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo, Xamã, 1999.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
FREIRE, Paulo.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Trad. de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis -RJ: Editora Vozes Limitada, 1971.

GIMENO SACRISTAN, J. Consciência e Acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: **Profissão Professor**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

GIROUX, Henry A. **Pedagogia radical: subsídios**. [s.l.]: Autores Associados, 1983.

HARAWAY, Donna Jeanne. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu (5) 1995: pp. 07-41.
Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773> Acesso em: 09 fev 2022.

HARAWAY, Donna Jeanne. **A game of cat's cradle: science studies, feminist theory, cultural studies**. University of California at Santa Cruz. 1994. PP – 59 – 71.

HARAWAY, Donna Jeanne. **Staying with the trouble: making Kin in the Chthulucene**. Duke University Press. Durham and London. 2016.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

hooks bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução de Bhuvi Libanio. - São Paulo: Editora Elefante, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p.20.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2009, v. 21, n. 2, p. 166-173. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200003>>. Acesso em: 14 de fev. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020. 32p. Disponível em:
<<https://www.cpalsocial.org/documentos/927.pdf>>. Acesso em: 06 de jun. 2022

Recebido em: 10/08/2022
Parecer em: 30/08/2022
Aprovado em: 05/09/2022